**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

**CURSO DE LETRAS**

**Samara Damaceno Rodrigues**

**ANÁLISE ENUNCIATIVA DE MEMES COMO INSTRUMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO**

**GOIÂNIA**

**2025**

**Samara Damaceno Rodrigues**

**ANÁLISE ENUNCIATIVA DE MEMES COMO INSTRUMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras pela Escola de Formação de Professores e Humanidade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira.

**GOIÂNIA**

**2025**

**Samara Damaceno Rodrigues**

**ANÁLISE ENUNCIATIVA DE MEMES COMO INSTRUMENTO DO LETRAMENTO CRÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras pela Escola de Formação de Professores e Humanidade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, Junho de 2024

BANCA EXAMINADORA:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira (Orientadora)

PUC Goiás

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profa. Ms Helen Sueli Amorim (Membro)

PUC Goiás

**RESUMO**

O estudo busca demonstrar como a utilização do gênero *meme*, nos anos finais do Ensino Fundamental, pode ser uma ferramenta importante para estimular a leitura de gêneros mais complexos, além de mostrar como a articulação entre esses dois gêneros é valiosa para o desenvolvimento do letramento. As reflexões centram-se na análise enunciativa, partindo do pressuposto de que a atenção ao discurso e à sua construção é capaz de formar sujeitos sociais autônomos.

**Palavras-chave:** análise enunciativa; *meme*; letramento.

**LISTA DE FIGURAS**

[Figura 1 – Meme 23](#_Toc201582541)

[Figura 2 – O futebor 25](#_Toc201582542)

[Figura 3 – Variação linguística 28](#_Toc201582543)

[Figura 4 – Vida nordestina 30](#_Toc201582544)

[Figura 5 – Consultório 31](#_Toc201582545)

**SUMÁRIO**

[1 INTRODUÇÃO 6](#_Toc201582499)

[2 REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE ENUNCIATIVA 13](#_Toc201582500)

[3 MEMES COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO 22](#_Toc201582501)

[4 FAMIGERADO: UM CONTO PARA O LETRAMENTO 33](#_Toc201582502)

[5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 41](#_Toc201582503)

[REFERÊNCIAS 42](#_Toc201582504)

# INTRODUÇÃO

Para os linguistas, o homem e a linguagem são inseparáveis, e ele, como sujeito humano e histórico, se manifesta por meio dos discursos enunciados, nos quais sua presença se demarca pelo arranjo que faz dos códigos que manuseia. Assim, os usos criam estilos e agrupam gêneros, que circulam como marcas individuais e/ou conhecimentos sociais. Umberto Eco (1962), ao estudar esses traços no texto artístico, denominou-os idioleto estético e os caracterizou como idioleto de corpus e idioleto de corrente — ou de período histórico —, quando as marcas são incorporadas por um grupo social. O que se observa é que, sem o domínio do uso da linguagem, o homem não se constitui como sujeito de si mesmo, social e historicamente estabelecido.

O que se pretende com este estudo é refletir sobre novos gêneros (*idioletos de corrente*) aplicados ao letramento, sobre a importância de atualizar as práticas de leitura dos jovens e, sobretudo, sobre o estímulo ao letramento crítico no ambiente escolar.

O gênero *meme* presta-se ativamente a esse propósito. Ao trazer textos utilizados nas redes sociais para a sala de aula, eles se tornam um incentivo e uma ferramenta para despertar, em crianças e adolescentes, o interesse pela língua portuguesa — ferramenta essencial para o domínio do discurso — de maneira divertida, ousada, cômica e crítica. Os memes também se estabelecem como um trampolim de acesso a outras formas mais clássicas de expressão, como o conto e a crônica.

Este estudo se justifica pelo fato de os memes serem gêneros discursivos emergentes no contexto da Era Digital e de ainda haver poucos estudos a respeito. É importante analisar e compreender como os gêneros digitais, especificamente os memes, estão presentes na vida dos alunos do século XXI, bem como mostrar de que forma podem contribuir para o letramento crítico desses alunos.

Para tanto, faz-se necessário refletir sobre a enunciação. Enunciar é inserir um discurso no mundo, utilizando as normas estabelecidas e, ao mesmo tempo, criando um estilo próprio para significar. Qualquer fala, gesto ou desenho é um meio de enunciação, e cada indivíduo vai construindo seu modo próprio de enunciar, de utilizar as formas da linguagem para interagir com o mundo; homem e língua precisam estar interligados. Conforme afirma Greimas (2008), em seu *Dicionário de Semiótica*, o discurso que resulta dessa interação traz as marcas do homem e do mundo.

De acordo com os pressupostos epistemológicos, implícitos ou explicitados, a enunciação pode ser definida de duas maneiras distintas: como uma estrutura não linguística (referencial), que submete a comunicação à realidade externa, ou como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado, que contém dela traços e marcas (Greimas, 2008, grifo nosso).

A partir desse discurso posto, enunciado, o receptor/leitor pode encontrar, também segundo Benveniste (2006), manifestações do sujeito e da sociedade nessa forma expressa, pois é possível perceber a maneira como a língua — enquanto sistema social — foi assumida individualmente pelo sujeito social e, reciprocamente, como este também é constituído por ela:

“Consideremos, portanto, que a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua; a sociedade é o interpretado por excelência da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 98).

A análise enunciativa é uma perspectiva de estudo da linguagem que considera a forma como o locutor utiliza a língua para construir seu próprio discurso. Leva em conta o sujeito dentro do discurso e o fato de o locutor mobilizar a língua de determinado modo — e não o produto resultante do ato, enquanto conteúdo. Isso faz com que Benveniste (1989) privilegie o processo enunciativo, e não o produto, como se observa em suas palavras: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto” (SILVA, 2017, p. 426).

Esse é o princípio que fundamenta a utilização do *meme* como ferramenta de letramento, pois, embora o que ele traz como enunciado verbal seja, na maioria das vezes, reduzido, carrega uma grande riqueza de enunciação. Assim, por meio do *meme*, a afirmação de Benveniste se confirma, uma vez que, ao privilegiar o ato de enunciação, o *meme*, mesmo com seu enunciado verbal reduzido, é rapidamente acolhido pelo leitor. O *meme* se torna, portanto, uma estratégia de leitura e, encarado como tal, também se configura como ferramenta para a compreensão de outros atos de enunciação presentes em enunciados verbais mais extensos.

Alcançar as manifestações de enunciação presentes nas ironias e comentários dos *memes* e compreender como eles são construções de pensamento que carregam ideias críticas é de suma importância para aguçar o desejo pela leitura e dar o passo necessário rumo a textos de maior complexidade estrutural, linguística e literária. Isso proporcionará um maior domínio da língua e contribuirá para o desenvolvimento da leitura crítica.

Como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os anos finais do Ensino Fundamental, o objetivo é que os alunos desenvolvam uma reflexão crítica sobre os conhecimentos adquiridos em todas as áreas e sobre como se posicionarão, como sujeitos, no mundo, a partir dessas informações:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos” (BRASIL, 2017, p. 65).

O *meme* é um gênero de amplo uso e divulgação entre pessoas de todas as idades e de fácil disseminação nas redes sociais. Quando utilizado como ferramenta de trabalho em sala de aula, ao transmitir informações por meio da criticidade, aguça a curiosidade dos alunos e permite ao professor incentivar os adolescentes a buscar uma leitura mais profunda a partir de uma “figurinha” apresentada no ambiente escolar. As ramificações que o professor pode construir, ao inserir o gênero *meme* no contexto da turma, podem fazer com que, desse espaço, surjam alunos críticos que, instigados pelo ato de ler, busquem, cada vez mais, o aprofundamento de sua vivência individual e social. A expansão do letramento é uma ferramenta essencial para isso.

Etimologicamente, a palavra *letramento* deriva de “letra”, acrescida do sufixo “-mento”, que indica ação ou o resultado dela. Assim, *letramento* refere-se à ação de dominar a língua, tanto na leitura quanto na escrita, porém não se confunde com alfabetização, tampouco se limita ao domínio das técnicas de codificação e decodificação dos discursos. O letramento diz respeito ao domínio da linguagem em sua dimensão social; é a aplicação da competência adquirida na leitura e na escrita na prática da vida social, sendo, portanto, uma habilidade determinante para o exercício autônomo da cidadania.

A alfabetização cria os mecanismos que conduzem ao letramento — ela é a base para a utilização dos instrumentos de leitura e escrita. Trata-se do momento em que a criança aprende a decifrar e a produzir textos, como atesta Magda Soares (1998) em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros*, ao diferenciá-la da ação de letrar:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente o uso da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p. 29).

Dessa forma, a alfabetização é o caminho para que o indivíduo, conhecedor do sistema da língua, alcance a prática da leitura, compreenda os processos de decodificação e utilize a língua como instrumento para adquirir competências de interpretação, análise e produção textual nas mais diversas situações do cotidiano, conquistando, assim, o letramento. O uso da língua, nesse patamar, permite ao indivíduo autonomia na interação com a sociedade, capacidade de ler segundo sua própria perspectiva e competência para escrever seus próprios textos nos mais variados contextos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que a criança deve ser alfabetizada nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2017, p. 59).

Considerando que essa alfabetização ocorre entre os sete e oito anos de idade, é necessário que a continuidade desse processo seja garantida por meio de incentivo e apoio à prática da leitura e da escrita no cotidiano, nos anos seguintes, “pois o ideal para se alcançar o letramento seria alfabetizar o indivíduo ‘letrando-o’” (SOARES, 1998, p. 47).

No entanto, o Brasil enfrenta uma realidade adversa quanto ao pleno domínio da leitura e da escrita. Ao se observar a escola pública, percebe-se, com facilidade, que os alunos não são, frequentemente, inseridos nem estimulados à leitura e à análise crítica do que leem em seu dia a dia. A realidade de muitas famílias cujos filhos estudam na escola pública é marcada pelo distanciamento da prática da leitura, visto que, em sua maioria, os pais desses alunos não foram incentivados a ler, não desenvolveram o hábito da leitura e, muito menos, o da escrita. Alguns possuem apenas uma alfabetização precária. Por não possuírem esse hábito, não conseguem transmiti-lo aos filhos. São pais que, muitas vezes, sequer veem os filhos durante a semana, devido à necessidade de trabalhar para garantir o sustento da família.

Nas escolas particulares, observa-se um problema semelhante no âmbito familiar. Embora esses pais, teoricamente, tenham tido mais oportunidades para desenvolver o hábito da leitura, também enfrentam jornadas excessivas de trabalho, motivados pelo desejo de ascender socialmente e de proporcionar melhores condições financeiras aos filhos, permitindo-lhes realizar sonhos e alcançar objetivos mais elevados. Por isso, também não dispõem de tempo para incentivar, de forma consistente, a leitura no cotidiano de seus filhos.

Diante desse cenário, recai sobre a escola a responsabilidade de atuar como promotora do hábito da leitura na vida de crianças e adolescentes, visto que a realidade familiar, por diferentes razões — seja por falta de acesso, no caso das famílias de menor renda, seja por ausência de uma postura crítica, no caso das famílias com melhores condições —, ainda não se conscientizou plenamente da importância da leitura para a ativação das funções cognitivas e para o desenvolvimento do raciocínio.

Frente a essa realidade do século XXI, é evidente que a escola possui papel fundamental na construção do hábito e da competência leitora e escritora de crianças e jovens. Cabe a ela demonstrar como a leitura conduz ao conhecimento, amplia a liberdade de pensamento e estimula a criatividade, desenvolvendo no leitor a competência comunicativa e tornando-o um ser autônomo e um cidadão consciente.

O domínio da língua, e consequentemente da construção do pensamento, conduz à apropriação da linguagem — único meio de o indivíduo alcançar o outro e viver plenamente em sociedade. Benveniste (2006) afirma, em seu ensaio *Estrutura da Língua e Estrutura da Sociedade*:

A linguagem é para o homem um meio, na verdade o único meio, de atingir outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. A partir deste momento, a linguagem é dada com a sociedade. Assim, cada uma destas duas entidades, linguagem e sociedade, implica a outra” (BENVENISTE, 2006, p. 93).

Por esse pressuposto, adquirir a competência em uma implica vivenciar a outra. A competência linguística influencia diretamente a qualidade da vivência social.

O gênero meme é uma forma de comunicação coloquial, utilizada com frequência pela maioria dos jovens. No entanto, não costuma ser analisado por eles, apenas vivenciado. A análise com eficácia linguística constitui uma estratégia rica para iniciar os jovens na prática profícua da leitura. Quando se traz o meme como instrumento de letramento para a sala de aula, pode-se afirmar que a atenção e o interesse pelo assunto alcançam, automaticamente, 95% ou até mesmo 100% dos alunos da turma, pois eles passam a tomar consciência dos meandros da construção e dos motivos que resultam na organização daquele discurso. O domínio da forma estimula o desejo de uso, uma vez que, a partir de algo que lhes é cotidiano, emerge a sensação de soberania sobre a própria vida, o que gera o prazer do texto.

Barthes (1987) afirma que o prazer da leitura não está apenas no acompanhamento do conteúdo do texto, mas, sobretudo, na interação do leitor com a escrita; que o texto pode ir muito além das palavras ou do enredo; e que a leitura prazerosa deve ser uma experiência estética do próprio ato de ler.

Como diz a teoria do texto: a linguagem é redistribuída. Ora, essa redistribuição se faz sempre por corte. Duas margens são traçadas: uma margem sensata, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura), e uma outra margem, móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos), que nunca é mais do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem. Estas duas margens, o compromisso que elas encenam, são necessárias. Nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica. [...] A destruição não lhe interessa; o que ele quer [...] é o *fading* que se apodera do sujeito no imo da fruição. (BARTHES, 1987, p. 12).

Analisar e discutir com os jovens a forma utilizada na construção de um discurso, de modo a alcançar determinados efeitos de sentido, além de enriquecer o estudo da língua, também lhes revela que o meme pode ser muito mais do que uma simples “figurinha” da internet. O conhecimento os conduzirá ao prazer da descoberta. Além disso, pode levá-los a refletir e perceber que todos estão sujeitos a um discurso social e são passíveis de serem manipulados pelas ferramentas linguísticas empregadas na construção dos discursos. Como afirma Barthes, encontrar as fendas entre as duas margens gera o prazer da fruição. No caso do letramento, esse prazer conduzirá à conquista do domínio da língua pátria e, consequentemente, à autonomia e à liberdade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece que o ensino da Língua Portuguesa é obrigatório nas escolas, em todos os níveis, por entender que o estudo da língua materna é um instrumento de segurança social, comunicacional e de construção do pensamento, o que proporciona liberdade ao indivíduo.

O espaço da Língua Portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que, pela e na linguagem, é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços e retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos (BRASIL, 1996, p. 22-23).

A obrigatoriedade da disciplina de Língua Portuguesa nas escolas não se justifica apenas pela necessidade de ensinar a norma-padrão aos alunos, mas, sobretudo, pelo compromisso de auxiliá-los no desenvolvimento de sua capacidade de expressão e de compreensão. A Língua Portuguesa deve ser ensinada na sala de aula como ferramenta de formação do pensamento, do raciocínio lógico, da construção de leitores críticos e de uma geração capaz de interpretar, argumentar e reconhecer a importância de construir discursos coesos e coerentes.

 Como já demonstrado, este trabalho tem o intuito de apresentar um estudo sobre o gênero meme, cuja característica é a expressão de um pensamento crítico que, na maioria das vezes, vem acompanhado de ironia e humor, tornando-o uma ferramenta para a leitura de textos mais extensos. Essas particularidades compõem o universo cultural do brasileiro e são amplamente utilizadas no trato social do país. Lançar mão delas como estratégia para instigar a fruição desses textos e demonstrar que prazeres maiores podem advir de outros gêneros textuais constitui uma forma de promover avanços no letramento, especialmente na disciplina de Língua Portuguesa, no ensino fundamental, anos finais.

Para concretizar esse objetivo, serão realizados estudos sobre a teoria dos gêneros discursivos, com foco específico no gênero discursivo meme. Também serão desenvolvidos estudos sobre letramento crítico e análise enunciativa. A partir da seleção de memes que possam servir como instrumentos para o letramento crítico, serão realizadas análises que demonstrem a capacidade enunciativa desses objetos de estudo e suas possibilidades de conduzir os alunos à leitura e compreensão de gêneros mais canônicos.

O método adotado nesta pesquisa é o dialético, na medida em que se busca avaliar não o produto, mas o processo. Trata-se de uma pesquisa descritiva, fundamentada na investigação bibliográfica, tendo como principais referenciais teóricos os autores Soares (1998), Benveniste (2006), Silva (2017), Barthes (1987) e Marcuschi (2002).

As reflexões serão organizadas da seguinte forma: no primeiro capítulo, serão abordadas as teorias que fundamentam o gênero meme, a análise do discurso e a análise enunciativa, com base em autores como Benveniste (2006), Soares (1998) e Silva (2017); no segundo capítulo, serão apresentadas análises de alguns memes, tratados como estratégia para a leitura e análise do conto “O Famigerado”, de Guimarães Rosa (1962), que carrega, em sua construção, características próprias do meme, porém na forma de conto; em seguida, será realizada a análise do conto propriamente dito.

# REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE ENUNCIATIVA

Carmem Luci da Costa Silva (2017), em seu artigo intitulado “O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem”, observa a importância da análise enunciativa pela forma como ela conduz ao reconhecimento do texto como lugar de organização da língua em discurso. Isso possibilita a passagem do indivíduo de locutor a sujeito sociocultural, desnudando o ato de enunciar como uma ação de inserção de um discurso no mundo para significar.

A resposta a essa questão é formulada a partir da concepção de que o texto, considerado discurso, resulta da atualização da língua por um locutor, que, por nascer na cultura (Benveniste, 1995; 1989), a cada ato de enunciação, realiza um acontecimento diferente e novo para fazer a passagem a sujeito e, nessa passagem, registra o modo como se instauram os valores culturais da sociedade em que vive. (Silva, 2017, p. 421).

O marcante artigo de Silva, que tem por base as reflexões de Benveniste (2006), apresenta três problemáticas que justificam a escolha dos memes e do conto como objetos de estudo, bem como conduzem às reflexões para as análises:

1. a presença humana na linguagem, com a exploração de sua dimensão simbólica, base da significação;
2. a atualização da língua em discurso, a partir de um ato de enunciação, como lugar de passagem de locutor a sujeito; e
3. a relação entre indivíduo e sociedade, instanciada na comunicação intersubjetiva, possível por meio dos discursos (Silva, 2017, p. 421).

Essas questões são de extrema importância para a compreensão da opção pelo caminho adotado: a dimensão simbólica do homem, raiz e motivo de todo o seu desenvolvimento cultural e, consequentemente, social. A presença da linguagem no homem é um fenômeno central na construção da cultura, da comunicação e do pensamento. Explorar essa presença significa entender como o ser humano não apenas usa a linguagem, mas também está implicado nela, constituindo-se e expressando-se por meio da língua.

O homem é um ser social porque se fez cultural desde sempre, como afirma a antropologia interpretativa. Geertz (1989, p. 4), fundamentando-se em Max Weber, afirma que “o homem é amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, e a cultura são essas teias.”

Assim, desenvolver nos jovens leitores a capacidade de perceber as simbologias que os fazem humanos é de suma importância para seu autoconhecimento, para a consciência do espaço em que vivem e para a busca de um caminho que vá além da alfabetização, rumo à conquista do letramento. Tudo isso os conduzirá à reflexão de que todo trato simbólico só se dá a conhecer via linguagem e que só toma corpo na forma de discursos.

Levar os jovens leitores a identificarem as marcas de enunciação do sujeito é garantia de letramento e condição de autonomia, pois a noção de que o ato de enunciação é o que revela a presença do sujeito frente ao outro — e que isso se realiza por meio dos discursos — lhes proporcionará essa autonomia. É a partir dessa relação intersubjetiva que o sujeito se faz social e cultural.

Assim, o homem — em uma dimensão antropológica — e a linguagem — em uma dimensão simbólica — são considerados, respectivamente, como locutor e ato de apropriação da língua, em uma dimensão linguístico-enunciativa” (Silva, 2017, p. 425).

Se o discurso é o lugar em que o homem se faz sujeito, mostra-se como ser cultural, dando a conhecer seus valores e as perspectivas de sua maneira de estar no mundo, então todos os seres humanos precisam dominar esse discurso e sua forma de produção. O homem adquire o domínio da fala pelo contato primário com outros falantes da mesma língua e, uma vez apreendida, já a organiza em discursos orais. No entanto, a forma escrita é aprendida; ela requer instrução para o conhecimento da estrutura do código. Esse conhecimento se inicia pela alfabetização, etapa em que se passa a dominar a codificação e a decodificação dos signos. Entretanto, é somente por meio do domínio da construção do discurso que o homem conquistará o trânsito intersubjetivo e cultural no movimento social. Esse trato com o discurso se dá pelo domínio do letramento.

A base dessa visão de linguagem, na qual as realizações humanas — individuais e coletivas — somente podem ter existência porque estão ligadas ao exercício do discurso, implica considerar que a relação que cada locutor instaura com o outro, com o mundo e com os demais sistemas simbólicos da sociedade torna-se possível por meio da língua, que atua como interpretante de outros sistemas, da sociedade e, inclusive, dela própria (Silva, 2017, p. 424).

Magda Soares (1998), no livro *Alfabetização e Letramento*, define letramento como um "Conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita" (Soares, 1998, p. 50).

O letramento está diretamente ligado à sociedade e à sua cultura, bem como à compreensão dos efeitos de sentido que emanam dos diversos discursos sociais. Trata-se da capacidade que o indivíduo conquista de, por meio da escrita, expressar sua opinião, de forma autônoma, sobre qualquer tema proposto. Mesmo numa sociedade impositiva, como a dos dias atuais, o indivíduo letrado consegue apreender as várias formas de expressão e expor sua opinião e seus pensamentos de forma autônoma, por meio da linguagem. O processo de letramento envolve o uso da escrita e diferentes práticas de uso da língua nas atividades sociais e individuais.

Social e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada. Ela passa a ter uma outra condição social e cultural — não se trata, propriamente, de mudar de nível ou de classe social, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade e sua inserção na cultura. Sua relação com os outros, com o contexto e com os bens culturais torna-se diferente (Soares, 1998, p. 37).

Geertz (1989) afirma que “tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente, em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas.”

Geertz (1989) é um antropólogo alinhado às teorias da antropologia interpretativa, que estabelece o homem como um ser cultural e totalmente dependente da cultura. É interessante observar como ele afirma que, para encontrar o humano no homem, é necessário que haja uma vivência em sociedade, permeada pela educação, pela cultura e pelos afazeres diários de uma comunidade. É nessa convivência social que cada indivíduo se descobre em seu próprio individualismo, formado pela cultura de sua sociedade. Sendo um ser cultural, o indivíduo passa a fazer parte da coletividade e, por meio do uso da linguagem, pode contribuir para a construção da individualidade de outras pessoas, através do processo comunicacional.

O letramento está inteiramente ligado ao uso consciente da língua, na forma escrita, e à prática social. Trata-se da capacidade de dominar a língua de maneira a criar um elo entre os homens e o mundo; é a concretização da alfabetização e a possibilidade de que esses jovens leitores se firmem no convívio em diversos núcleos sociais. Isso se torna possível por meio do domínio da leitura e da escrita em diversos gêneros de discurso, conforme afirma Carmem Luci Costa Silva (2017):

Assim, a linguagem é, para o linguista, o elo entre os homens, visto não haver relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. Há um aparato simbólico para intermediar essa relação: a linguagem. Como sistema simbólico por excelência, a linguagem, que se realiza em uma língua particular, inseparável de uma sociedade com sua cultura, é o elo intermediário homem-mundo e homem-homem (Silva, 2017, p. 422).

Por todos esses motivos, as ações voltadas ao letramento devem estimular a observação e a análise dos arranjos linguísticos que promovem os efeitos de sentido. Essas ações levarão o leitor a ser crítico e a conquistar o uso consciente da língua. Para formar alunos leitores, pensantes e questionadores, é preciso ir além do ensino da decodificação e da codificação dos signos. Para ler e escrever, é necessário introduzi-los no uso da língua de forma analítica e consciente, pois a consciência da forma leva à consciência do conteúdo.

Esse processo educacional nasce da compreensão da importância da sensibilização dos alunos acerca da existência do eu e do tu, presentes no discurso. Ele surge do saber escutar, do ouvir atentamente o que o outro tem a dizer e do desvendar o diálogo que vai além da fala coloquial. Essa postura levará à busca pelas marcas desses movimentos dialógicos presentes na forma escrita da língua e pelo domínio dos textos. A partir da experiência consciente do outro, ensina-se ao aluno-leitor que os textos precisam ser apreendidos muito além do que aparentam na superfície, pois representam um manancial de vivências essenciais para a formação de indivíduos livres e socialmente ativos.

“A língua fornece a base constante e necessária da diferenciação entre o indivíduo e a sociedade. [...] A sociedade torna-se significante na e pela língua; a sociedade é o interpretado por excelência da língua. [...] A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas, ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade, instaurando aquilo que se poderia chamar de semantismo social” (Benveniste, 2006, p. 86).

As teorias da enunciação e do discurso trouxeram, para os estudos da língua e da linguagem, a consciência da presença do sujeito — a consciência do eu, do tu e de todas as suas subjetividades, sociais e historicamente construídas — para dentro do discurso enunciado. Sob cada frase e sob cada forma de construção dos discursos, as vozes individuais e sociais se manifestam com suas características e valores. A noção de discurso como construção textual, em que o sujeito é instaurado por meio da ação de enunciação, é de suma importância para se dar o passo além da simples decodificação do código — ou seja, da mera competência de alfabetização — para alcançar a performance da leitura.

A teoria da Análise do Discurso surgiu na França, no final da década de 1960, tendo como precursores Jean Dubois e Michel Pêcheux. Para Dubois, a Análise do Discurso era uma continuidade da linguística, enquanto, para Pêcheux, ela representava um novo caminho para o estudo da linguagem, com base nas teorias marxistas e sociais. Segundo Gregolin (2003), vários estudiosos revolucionaram o campo da Análise do Discurso:

Althusser, autor de várias releituras marxistas; Foucault, introdutor da noção de Formação Discursiva na AD; Lacan, com a leitura do inconsciente nas teses freudianas; e Bakhtin (via Jackeline Authier-Revuz), sobretudo com os conceitos de gênero e de dialogismo da linguagem. Cada um deles serviu como pilar para a articulação entre língua, sujeito, discurso e história. E é com essa articulação que Pêcheux ‘constitui o edifício da Análise do Discurso (Gregolin, 2003, p. 25).

A noção de enunciação desnuda o ato de inserção de um discurso no mundo. Ela marca a impossibilidade de separar o homem da língua e promove a consciência da necessidade de se aprimorar a capacidade de domínio de seu uso. Benveniste afirma que “não é possível separar o homem da linguagem”, e essa constatação leva-o a desconstruir a oposição natureza/cultura, defendendo que a linguagem está na natureza do homem, seguindo a mesma linha de pensamento de Geertz (1989).

Pode-se perceber, então, que o processo de letramento leva cada leitor à consciência crítica das subjetividades das vozes que emergem dos discursos, situando-as nos espaços sociais e facultando-lhe a possibilidade de, em autocrítica, refletir sobre o que ele mesmo fala e produz, ressignificando-se como ser social.

No entanto, para que esse processo aconteça, a escola — responsável pelo desenvolvimento da prática de leitura — precisa refletir sobre como essa experiência será estabelecida. A meta é a consciência textual, e acredita-se que ela pode ser mais facilmente conquistada a partir das ferramentas da análise enunciativa.

O letramento vai além da alfabetização exigida pela Base Nacional Comum Curricular. Ele demonstra competência na performance de ler, interpretar e produzir textos, sendo conquistado quando inserido na rotina escolar por meio de experiências didáticas que contribuam para o domínio da linguagem.

Como exemplo claro, tem-se a histórica implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), um movimento de política educacional criado durante a ditadura militar (1967)[[1]](#footnote-1). Seu objetivo era alfabetizar jovens e adultos em oito meses, utilizando métodos totalmente inadequados e ultrapassados. As pesquisas mostram que, em pouco tempo, os participantes do Mobral já estavam “desalfabetizados”, principalmente pelo fato de não estarem inseridos em uma realidade de leitura e escrita, devido à falta de materiais. Magda Soares (1998) afirma, em seu livro, que “tinha sido alfabetizado, mas não lhe foi possibilitado tornar-se letrado”, justamente pela falta de acesso a livros e obras que poderiam ajudá-los a solidificar a alfabetização que haviam conquistado.

A escrita e a leitura de diferentes linguagens (como música, peça teatral), bem como a leitura e interpretação de diversos tipos de textos, podem ser formas eficazes para que esse letramento seja concluído, com êxito, dentro das escolas. Promover o contato diário com a diversidade de textos proporcionará o despertar do interesse pela aprendizagem, pela novidade e estimulará a busca por diferentes textos e gêneros textuais.

O conhecimento sempre será imensurável, tendo em vista que, todos os dias, surgem novas pesquisas, novas tecnologias e novos gêneros textuais. Os gêneros cuidam de organizar e estabilizar as atividades comunicacionais do dia a dia, sem, contudo, se configurarem como normas ou regras engessadas do pensamento ou da atividade discursiva. Seguindo a posição de Marcuschi (2002), pode-se classificar, em tipos e gêneros textuais, a organização da atividade comunicativa. Assim, eles se caracterizam muito mais por sua atividade sócio-discursiva do que por características propriamente estruturais ou linguísticas. A diversidade de formas de comunicação e de uso da língua estabelece a diversidade dos gêneros, que são formas discursivas sociocomunicativas.

Gênero do discurso são todas as formas de comunicação de uma sociedade, como jornal, receita, bate-papo, memes, entre outros. É importante compreender que cada gênero cria um processo peculiar de comunicação e que apenas um domínio competente da organização da língua permitirá ao leitor compreender as ideologias, os contextos sociais, as vozes que circulam nos textos, os subtextos, os intertextos e, enfim, a prática social inerente a cada texto e sua produção de sentidos. As formas de leitura variam de acordo com os gêneros, e a leitura de gêneros variados contribui para a conquista do letramento e para a construção do perfil de sujeito letrado.

Gênero e letramento crítico andam de mãos dadas, pois é por meio das configurações que os atos comunicativos agrupam e repetem na esfera da escrita que se evidencia como se dá o uso social da língua. Nesse sentido, o meme é um gênero importante, por ser um representante contemporâneo desse uso social. O gênero meme traz ferramentas interessantes e relevantes para a aplicação de sua análise nos anos finais do ensino fundamental.

Com base nos estudos de Clícia Coelho (2017), observa-se que foi com a pluralização da internet que surgiram novos gêneros, sendo o meme um deles. Ele tem origem no conceito de meme criado pelo biólogo Richard Dawkins (2007), em seu livro O Gene Egoísta. Dawkins definiu meme como uma unidade de informação cultural que se espalha de pessoa para pessoa, de forma semelhante à evolução genética. Isso pode incluir ideias, comportamentos, estilos e até a moda.

Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas do vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no pool gênico, saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no pool de memes, saltando de cérebro para cérebro, por meio de um processo que, em sentido amplo, pode ser chamado de imitação. Se um cientista ouve falar ou lê sobre uma boa ideia, transmite-a aos seus colegas e alunos, menciona-a em seus artigos e nas suas palestras. Se a ideia “pegar”, pode-se dizer que ela se propaga, espalhando-se de cérebro para cérebro (Dawkins, 2007, p. 339).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) demonstra a importância dos memes como gênero textual relevante no contexto educacional atual, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

O grande movimento textual surgido com o advento da internet ocorreu em função do formato e da agilidade das mídias eletrônicas. Assim, surgiram diversos gêneros diferentes daqueles tradicionalmente estabelecidos, tanto na literatura quanto na comunicação, os quais geralmente requerem longas construções discursivas. A velocidade da comunicação midiática aproxima-se da oralidade, e essa intertextualidade de gênero, como afirma Marcuschi (2002), é da própria natureza do uso da linguagem.

O meme se consolidou como gênero a partir do momento em que a internet começou a se popularizar, principalmente entre os jovens. O hábito da brincadeira crítica oral transformou-se em uma escrita que utiliza as linguagens verbal e visual. Passou a ser considerado uma unidade cultural que se movimenta rapidamente de uma pessoa para outra, tornando-se, em muitas situações, uma comunicação viral.

Dessa forma, o uso da comunicação textual alterou-se profundamente quando a internet se tornou, gradualmente, popular. Inspirados por um debate que ganhou adesão em determinados nichos de entusiastas da tecnologia e da “cultura nerd”, muitos usuários passaram a denominar como memes os conteúdos que trocavam entre si, em fóruns e canais de comunidades online. A partir desse ponto, não apenas o conceito de meme foi ressignificado, como também a teoria que o estabelece como gênero se renovou de maneira significativa. Os memes passaram a ser compreendidos não mais apenas como uma ideia ou um comportamento, mas como um discurso ou um modo próprio de comunicação.

Esse gênero de escrita, portanto, invadiu a vida social, trazendo informações que são transmitidas ao público de forma multiplicada, graças à grande capacidade de replicação das redes sociais e à facilidade de sua forma de expressão: breve, com forte apelo visual e carregada de ironia. No entanto, por trás do tom cômico e irônico, o meme apresenta uma crítica que revela as vozes que o constroem. Desde os anos 2000, têm-se observado inúmeros memes viralizando na internet, circulando principalmente entre os jovens. Dessa forma, pode-se avaliar que o meme é um gênero propício para o trabalho de letramento nas salas de aula.

No entanto, observa-se que, embora o meme seja uma ferramenta de grande importância para o letramento, não se deve restringir o trabalho a ele. É necessário acrescentar a essas reflexões que cada gênero pode assumir, ou não, a forma artística na construção do enunciado, e que inúmeras outras variantes surgirão, transformando a leitura e postulando novos efeitos de sentido. Quanto mais variados forem os materiais apresentados, mais se expandirá o letramento.

O uso artístico da língua gerou formas que, ao longo da história, foram categorizadas como literárias, dentro de um sistema amplo de construção verbal. E, como todo sistema dessa magnitude, construiu diferentes formas de discursos que são agrupadas, conforme suas características, em gêneros diversos. Marcuschi (2002) observa que “os gêneros textuais são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social”. Quanto mais uma sociedade se desenvolve e compartilha suas vivências, mais gêneros textuais vão surgindo naquela sociedade.

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia (Marcuschi, 2002, [n.p.]).

Embora a moderna bibliografia já considere que a conceituação de gênero literário seja redutora, a categorização dos textos literários — organizados conforme a estrutura e a forma que cada texto ficcional assume — é uma realidade da qual não se pode desvencilhar. Uma novela tem características diferentes das de um conto, assim como o romance não se assemelha a uma peça teatral. No entanto, essas categorias são relativas, especificamente, aos textos artísticos, e a noção de gênero transcende essa classificação. Segundo Greimas (2016):

O gênero designa uma classe de discurso, reconhecível graças a critérios de natureza socioletal. Estes podem provir quer de uma classificação implícita, que repousa nas sociedades de tradição oral sobre a categorização particular do mundo, quer de uma taxionomia explícita de caráter não científico. (Greimas, 2016, p. 238).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz o meme como um meio de despertar a criatividade dos alunos do Ensino Fundamental, nos anos finais. Promove o desenvolvimento do raciocínio por meio das várias formas pelas quais se pode trabalhar esse gênero, desde a criatividade para a escrita — como produção textual — até a leitura, como plataforma para se alcançar o domínio e o prazer de textos mais canônicos (Brasil, 2017).

Assim, os memes não são apenas gêneros atuais e de interesse dos jovens porque já circulam entre eles. Na verdade, são excelentes estratégias para estimular a leitura de crônicas e contos e, a partir desses incentivar também a leitura de romances.

Dessa forma, a agilidade de circulação dos memes — com seus conteúdos que se alastram pela sociedade, quase sempre abordando assuntos de cunho cultural e social — faz deles uma ferramenta de aquisição da leitura e da escrita, transformando a linguagem do dia a dia, de fácil interação, em um eficaz mecanismo de letramento.

É muito comum que os memes apresentem erros ortográficos propositais, com a intenção de produzir humor no leitor — característica bastante aproveitável em sala de aula. Além disso, pela brevidade dos textos, geralmente recheados de vozes enunciativas, o estudo da língua se torna mais prazeroso. O meme pode combinar linguagem verbal e não verbal, mas está sempre repleto de duplo sentido e de sentidos figurados, construindo todo o seu conteúdo por meio da ironia e do jocoso. Por essas características, o uso do meme, como gênero de estudo em sala de aula, estimula a criticidade na interpretação do discurso, enriquecendo o letramento dos alunos. Se bem conduzido, constitui uma grande ferramenta para se alcançar a sagacidade na comunicação social, criar maior interesse pelo estudo da língua portuguesa e estimular a leitura de textos mais canônicos, com a mesma consciência linguística e o mesmo espírito crítico.

# MEMES COMO FERRAMENTA DE LETRAMENTO

A semiótica, ciência da qual surgiram os estudos de enunciação e, consequentemente, a análise enunciativa que se pretende aplicar aqui, é uma área do conhecimento que, com seus pressupostos, abrange diferentes formas de linguagem, não se limitando apenas à verbal. Centrada nas formas como o sujeito da enunciação se apresenta no enunciado, observa-se como suas marcas são deixadas de modo a produzir significações e efeitos de sentido, revelando vozes e contextos. Elas funcionam como um alerta sobre quem fala, de onde fala e para quem fala, evidenciando as ironias, as dúvidas e as certezas presentes nas condições sócio-históricas do discurso.

O homem vive envolto em uma “teia de significações que ele mesmo criou” (Geertz, 1989, p. 15), e o ato de enunciar está permeado por elas. O meme é uma forma de expressão que se vale dos diversos recursos que o uso da linguagem proporciona para gerar efeitos de sentido, a partir de uma enunciação intencional voltada a essa forma específica de construção do enunciado. Os memes utilizados aqui como objeto de estudo foram selecionados por representarem possibilidades de construções linguísticas em que o significado se vê, muitas vezes, deturpado pela influência dos significantes, embora o conteúdo permaneça ancorado no uso da língua.

A escolha desse objeto deve-se à intenção de demonstrar como o meme pode ser uma ferramenta relevante para refletir sobre o uso da língua e como as deturpações daí advindas tornam-se elementos interessantes para pensar a importância do domínio da língua portuguesa.

Por outro lado, a escolha desse mote — o uso da língua — também se justifica por ele estar presente, de forma jocosa, no conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa (1962). Pretende-se, assim, demonstrar como o trânsito entre gêneros se realiza com naturalidade, auxiliando na conquista do letramento.

**Figura 1 – Meme**

**Fonte: Gerar meme**

Observando-se o meme acima, percebe-se que, no plano da expressão, faz-se uso da linguagem verbal e visual — sendo esta última uma forte característica do gênero meme. Ele apresenta o mesmo personagem em dois momentos distintos. Na primeira imagem, o personagem aparece sorrindo, expressando, por meio da linguagem verbal na forma escrita, que sabia o que era um meme. Já na segunda, o mesmo personagem surge com o rosto fechado, demonstrando, também pela linguagem verbal escrita, que, ao tentar explicar, percebe não ter consciência real do que é um meme.

A insegurança em relação à língua manifesta-se pelos significantes verbais e visuais, que se complementam, promovendo envolvimento emocional e efeitos de sentido.

Peirce afirma que “frente a qualquer fenômeno, o ser humano se pergunta: o que isso quer dizer?” (Peirce apud Santaella, 1983, p. 50). Este meme ilustra claramente essa reflexão. Estabelece uma relação direta com a teoria do discurso, tanto na representação verbal quanto na visual, demonstrando que o personagem, no ato de enunciação, tem a impressão de que sabe algo, mas não consegue transformar esse saber em enunciado. Surgem, aí, reflexos da oralidade e da escrita, do domínio do conhecimento e da incerteza sobre ele. As imagens visuais funcionam como suplemento da ideia de saber e não conseguir explicar: a primeira expressa, por meio do sorriso, a alegria do domínio do conhecimento, enquanto a segunda traduz, pelo semblante entristecido, a decepção de quem percebe não ter o conhecimento.

Fica evidente a importância de se ter consciência da necessidade do domínio da língua para a expressão do pensamento, bem como da consciência do saber “direito” para poder “explicar direito”. Enfim, o personagem revela que não sabe, de fato, o que é um meme, pois não tem a capacidade de explicá-lo, de transformá-lo em discurso. Assim, o que ele enuncia não é propriamente sobre o meme, mas sim sobre a sua própria falta de conhecimento. O conteúdo, sem a forma da expressão, não se realiza como ato de comunicação.

Acrescenta-se a todas essas questões o fato de que o signo do personagem não é de uma pessoa qualquer: trata-se de um personagem emblemático — Chico Buarque —, poeta respeitado, ganhador do Prêmio Camões, cuja competência nas construções linguísticas é amplamente reconhecida. Mesmo ele, detentor do domínio da língua, não é capaz de construir um enunciado, porque não domina o conteúdo. O uso da imagem do poeta Chico Buarque produz também um efeito de sentido que reforça a ideia de que o meme é um gênero popular, contemporâneo e de uso cotidiano, enquanto o próprio Chico representa um poeta visto, culturalmente, como elitista e, de certo modo, distanciado da sociedade atual.

Como não se espera que Chico Buarque tenha dificuldade no domínio da forma da expressão e na criação de enunciados, a dificuldade apresentada desloca-se da pessoa para o tempo e para a forma do discurso.

Articulado a este meme, pode-se ainda trabalhar uma música do próprio personagem/autor, que, provavelmente, não é de conhecimento dos jovens da faixa etária em questão, ampliando, assim, o trânsito entre gêneros. Seguindo essa mesma linha, o próximo meme também aborda a questão linguística, desta vez com personagens interioranos, tal como ocorre no conto.

**Figura 2 – O futebor**

**Fonte:** Guinanet, ([s./d])

A língua é um acordo social do qual o homem faz uso para se comunicar. Trata-se de um pacto sobre um mecanismo vivo, que se modifica constantemente, embora se saiba que uma pessoa isolada não é capaz de alterar a língua. No entanto, uma sociedade, no uso cotidiano da língua, tem esse poder. Esse acordo social não cria apenas as línguas naturais de cada povo, que caracterizam nações e culturas, mas também permite que comunidades menores, dentro de um mesmo país, desenvolvam seus próprios dialetos — formas modificadas, características de determinados grupos, para utilizar a língua natural.

Em alguns países, as variações linguísticas são tão expressivas que chegam ao ponto de originar outra língua, como ocorre com o catalão, na Espanha, ou na Índia, onde a língua oficial é o híndi, mas coexistem mais de quinze dialetos em uso, separando povos dentro de um mesmo território, uma vez que não conseguem se comunicar entre si.

No Brasil, notam-se variações linguísticas bastante interessantes, que muitas vezes provocam riso pela confusão que geram na deturpação dos significados, de acordo com as regiões. Contudo, essas variações não chegam a impedir a comunicação, pois, na maioria das vezes, tratam-se apenas de modos distintos de utilização dos significantes. A forma de falar das pessoas nascidas e criadas em regiões interioranas apresenta alterações sonoras no uso de fonemas, como a troca entre as consoantes “l” e “r”. O homem urbano, inclusive, adota essa forma de fala frequentemente como brincadeira.

O meme acima demonstra claramente essa situação linguística. Observa-se uma confusão gerada pela troca dos fonemas “l” e “r”, o que provoca dificuldade de comunicação, mesmo entre moradores da mesma comunidade. O meme constrói uma situação jocosa, visível na forma como a palavra filme/firme é utilizada, e a crítica se intensifica quando a resposta à pergunta, igualmente confusa, é dada com a mesma variação linguística.

O meme foi criado utilizando as linguagens verbal e visual. Apresenta o diálogo entre dois “cumpadi”, em que um chega e cumprimenta o outro, que assiste à televisão. O chegante saúda o amigo utilizando uma expressão típica dos cumprimentos no interior: “firme?”, querendo dizer se está tudo bem, se está com saúde. No entanto, o telespectador entende que se trata de uma pergunta sobre ele estar assistindo a um filme. Apesar da confusão de sentido provocada, a resposta vem acompanhada da mesma variação: “não, futebor.”

A troca das consoantes “l” e “r” no linguajar cotidiano do interior é bastante comum, mas, no contexto do meme, percebe-se que ela gera certa dificuldade de comunicação, mesmo entre indivíduos da mesma comunidade. O personagem chega cumprimentando o amigo com a palavra “firme” — uma forma muito utilizada no interior (“E aí, firme?”). Claramente, ocorre a troca da consoante “l” por “r”, o que se confirma na resposta do segundo personagem: “futebor”. No entanto, a comunicação entre os dois não se efetiva, pois, enquanto um pergunta se está tudo bem, o outro entende que a questão é sobre estar assistindo a um filme e responde que, na verdade, está vendo futebol. Embora a linguagem utilizada seja coloquial e, portanto, devesse gerar um significado claro, principalmente entre compadres (“E aí, cumpadi”), a troca dos fonemas[[2]](#footnote-2), comum no dialeto do interior, transforma a comunicação em um mal-entendido, pois os interlocutores não percebem que o uso recorrente do dialeto está deturpando o enunciado.

Ainda assim, as vozes enunciativas estão presentes e acessíveis ao leitor. As marcas do linguajar interiorano, em um enunciado de estado[[3]](#footnote-3), revelam uma postura de enunciação que evidencia um enunciador conhecedor da língua, do dialeto e que faz deles objeto de troça, criando, assim, um enunciado jocoso. Isso se confirma também pela linguagem visual que compõe o meme, pois, curiosamente, o desenho que representa os dois personagens mostra-os com expressões divertidas, sem qualquer sinal de espanto diante da situação. Isso deixa evidente que o enunciado busca transferir o espanto e o riso para o leitor, funcionando como estímulo à reflexão sobre o uso da língua na convivência social.

Os personagens demonstram competência no uso da língua tal como ela é estabelecida em suas comunidades, mas, no caso, a performance comunicativa não se concretiza.

A riqueza da análise enunciativa reside na possibilidade que oferece de, por meio de um discurso enunciado, perceber — através do uso dos pronomes, dos tempos verbais, dos espaços descritos, da forma da expressão, das relações entre sujeitos e objetos, e das modalizações — os sentidos que emergem dessas marcas. Fiorin (2005) chamou essas pistas de “astúcias” da enunciação: marcas que fazem emergir um sujeito e seu lugar de fala.

**Figura 3 – Variação linguística**

**Fonte: GERAR MEMES.**

Novamente, vem à tona a ideia de “expressar-se corretamente”. O primeiro meme abordava o fato de o personagem não saber “explicar direito”, demonstrando sua incapacidade de organização discursiva. Aqui, a expressão é “falar direito”, que trata da dificuldade no uso formal da língua.

O uso deste meme em sequência ao anterior é enriquecedor, pois aborda claramente a questão da língua padrão e dos dialetos, ou seja, as variações linguísticas diversas que fazem parte do cotidiano social. Assim, fica evidenciado que o efetivo domínio da comunicação não está necessariamente vinculado à forma padrão da língua, mas sim à capacidade de dominar o discurso e expressá-lo adequadamente.

O meme acima mostra uma dificuldade de comunicação dentro da sala de aula. A linguagem visual dos quadrinhos apresenta dois personagens sentados em carteiras, em fila indiana: um aluno de óculos passando uma mensagem para o colega à sua frente. Este último tem a fisionomia cabisbaixa, com o rosto praticamente encoberto pelos dizeres: “VOCÊ NÃO SABE FALAR DIREITO”. Suas costas estão curvadas, as pernas cruzadas e ele não tem braços — um sujeito sem ação, que Bertrand (2005) chamaria de “não-sujeito”, aquele sobre o qual os objetos agem, retirando-lhe a performance. A postura visual dos dois personagens evidencia a forte voz enunciativa do poder social da língua, que estabelece a possibilidade de uma “não-língua” pelo uso transgredido. As nuances figurativas dos óculos (símbolo do saber acadêmico) conferem a um personagem o poder da ação por meio do conhecimento, enquanto ao outro retiram a competência e a performance, representadas pela mensagem fática, a ausência dos braços, o rosto oculto e as pernas cruzadas, sem movimento.

No quadrinho seguinte, o mesmo personagem que sofreu essa ação aparece transformado, assumindo sua performance. Ele surge sozinho, com expressão confusa — entre triste, indagador e espantado — afirmando: “VOCÊ QUE NÃO SABE O QUE É VARIAÇÃO LINGUÍSTICA”, fazendo sua voz ecoar no mesmo nível de expressão da anterior. O meme não indica qual variação linguística o personagem usou dentro da sala de aula, mas denuncia o preconceito existente e a falta de informação, especialmente entre os jovens, acerca das diversas variações que a língua pode assumir, algumas delas oficiais por serem adotadas por comunidades específicas.

Duas vozes emergem do meme: a do poder acadêmico, representando o conhecimento da língua padrão, e a do transgressor da língua. Aqui não se pode falar em iletrado, pois ambos os personagens dividem o mesmo espaço e tempo de ação, dentro de uma sala de aula. Demarque-se, contudo, que as características do jocoso e da ironia não estão presentes neste meme.

**Figura 4 – Vida nordestina**

**Fonte:** Eu... ([s./d.]).

A imagem visual deste meme traz uma figurativização da vida nordestina: um casebre sem infraestrutura; cactos como única planta resistente à falta de água; personagens esquálidos e mal vestidos, lavradores que não têm como cultivar a terra devido à escassez de água para fazer o plantio vicejar; seca extrema que provoca a morte dos animais, deixando suas carcaças ao relento. Sobre um pequeno banco desequilibrado em solo seco, vê-se, representada por um balão, a voz de um locutor que soa de um humilde rádio à pilha — aparelho já obsoleto nos dias de hoje — transmitindo uma mensagem em linguagem formal — discurso certamente direcionado a pessoas letradas — com a notícia de que uma sonda havia encontrado água em Marte. As cores predominantes no quadro visual são amarelo e laranja, deixando evidente a força do sol escaldante. Os personagens são representados, à primeira vista, no nível figurativo, como pessoas iletradas que não sabem o que é uma sonda e sequer sabem onde está Marte, mas deixam claro que sabem o que é falta d’água e querem “a bichinha” (a sonda), que seria capaz de encontrá-la, lá no Nordeste.

Sob a voz enunciativa que faz uma denúncia social, o meme promove uma reflexão sobre a realidade do sertão: a seca, a fome, o pouco acesso à informação e à educação — esses são os pontos principais da crítica. Criando um discurso misto de acusação e ironia, a depender do ponto de vista do leitor, o meme mostra que a falta de letramento e conhecimento no Nordeste provoca o questionamento, aparentemente ingênuo, da personagem que comenta: “Oxe, manda essa bichinha para cá”.

No entanto, a voz enunciativa da ironia crítica denuncia que o questionamento feito pela personagem é político, pois, ao dizer que seria bom levar a sonda para o sertão, ela questiona o fato de que, se conseguem encontrar água em outras esferas, por que não a procuram também no sertão nordestino, local onde o povo padece com sua falta? Entretanto, sua fala é apenas representativa de uma voz enunciativa externa ao texto, pois a personagem, como está figurada, faz apenas o questionamento de forma ingênua.

**Figura 5 – Consultório**

**Fonte:** Eu... ([s./d.]).

O meme acima mostra um médico (pessoa letrada) e um caipira (pessoa analfabeta) que estão em um consultório médico, durante uma consulta. O caipira é visualmente representado pelo chapéu de palha, pela camisa xadrez e pelo linguajar característico: “A dor começa acima do mucumbu, vai subindo até o meio das pazes e responde aqui na titela.” Ele se contrapõe à figura do médico, representado pelo jaleco branco, pelo estetoscópio e pela lanterna clínica. Também em oposição à primeira imagem, o médico aparece com um dicionário[[4]](#footnote-4) nas mãos e inúmeras interrogações sobre a cabeça. As duas figuras se contrapõem em todos os sentidos, pois quem não deveria saber se expressar — o personagem iletrado — é quem fala, descreve a doença e se mostra capaz de organizar um discurso. Por outro lado, quem deveria saber sobre a doença e dominar a organização discursiva — o personagem letrado — tem apenas dúvidas, que busca solucionar por meio de um dicionário.

O centro temático, assim como nos demais memes e no conto que será analisado a seguir, é a variação linguística e a dificuldade de comunicação que dela advém. Contudo, fica evidente a ironia que leva à situação jocosa de ser o caipira iletrado quem fala, descrevendo sua dor, e causando confusão para o médico, letrado e com alto grau de estudo, a ponto de precisar recorrer a um dicionário para compreendê-lo. A construção de representações contrárias às figuras tradicionalmente associadas a esses papéis é o que gera a ironia. Na verdade, o caipira diz apenas: a dor começa na região lombar, sobe até as escápulas e reflete no peito. A dificuldade de comunicação se estabelece porque o campo semântico dos dois personagens não é o mesmo, dificuldade essa advinda do dialeto, mas resolvida, de forma simbólica, pelo dicionário.

Apresentadas as análises dos memes, percebe-se como a construção desse gênero textual é inspiradora para análises críticas e provocadoras de reflexões a respeito do uso da língua e da rica variação linguística do nosso país. A tematização que conduz os exemplos é a do uso da língua, suas variações, seu poder de comunicação e seu poder de manipulação — a mesma que está presente no conto que será analisado a seguir. Observa-se, ainda, que seus enunciados carregam as marcas da ironia e do jocoso, características presentes na maioria dos memes analisados e que são marcas do próprio gênero.

A escolha desse material de estudo foi feita com o objetivo de estimular a reflexão sobre a importância do conhecimento e do domínio do uso da língua, contribuindo para a ampliação do letramento. Esses memes, dentro da sala de aula, tornam-se uma ferramenta divertida, que permite aos alunos desenvolverem a leitura da linguagem visual e verbal, além de serem impelidos a realizar análises críticas e a desejarem refletir a partir de textos verbais mais complexos.

No próximo capítulo, será apresentada uma breve análise do conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa (1962), que mostrará como os dois gêneros se enriquecem mutuamente a partir da análise dos efeitos de sentido.

# FAMIGERADO: UM CONTO PARA O LETRAMENTO

Neste capítulo, será apresentada uma análise do conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa (1962), sob a condução da análise enunciativa baseada na autora Carmem Lúcia da Costa Silva (2017), que alerta sobre como os diversos elementos postos no enunciado devem ser vistos como produtores de sentido e transformadores do sujeito.

Enunciar é inserir um discurso no mundo para significar. A instauração de um lugar de significação na e pela linguagem é possível de ser explicada pela teorização de Émile Benveniste sobre a atualização da língua em discurso como lugar de passagem do locutor ao sujeito (Silva, 2017, p. 420).

Benveniste (2006) afirma que é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito e instaura a presença do tu. A subjetividade é a “capacidade de o locutor pôr-se como sujeito”. Nesse sentido, o conhecimento da língua e o amplo domínio dos campos semânticos reafirmam o eu e confirmam o indivíduo como referência a um espaço e a um tempo. É nessa perspectiva que o conto se desenrola.

Guimarães Rosa é um escritor conhecido por sua genial capacidade de manusear a língua, tanto na construção de neologismos quanto na verbalização de características regionalistas. O enunciado rosiano é rico em nuances e possibilidades de gerar encantamento e prazer pelo desvelamento da construção textual. A riqueza de sua linguagem, no entanto, extrapola a mera construção de palavras. Ela se manifesta em um texto altamente estético, pleno de vozes enunciativas que dialogam com o esplendor da vida sertaneja.

O conto “Famigerado” se apresenta como uma metalinguagem, na qual o questionamento sobre o campo semântico de uma palavra — famigerado — é o motivo central de toda a ação. No entanto, a reflexão sobre o significado da palavra é apenas a aparência temática do conto, que, recheado de sentidos e de vozes que dialogam com suas significâncias, desvela o trânsito cultural entre o sertão e a cidade, entre o letrado e o analfabeto. Isso é feito de forma magistralmente literária pelo autor, que consegue transformar uma reflexão, aparentemente teórica, sobre a construção semântica em uma rica e divertida história, na qual se evidenciam características culturais formadoras das personalidades dos atores envolvidos.

Por meio de um enunciado repleto de nuances que sugerem efeitos de sentido, os personagens são apresentados, e as vozes enunciativas, que constroem conteúdos opostos — campo e cidade, matuto e doutor, analfabeto e letrado —, organizam a narrativa de forma jocosa e irônica, fazendo emergir, assim, a vivência da necessidade do domínio da língua.

O conto “Famigerado” tem a palavra como tema central da narrativa, pois traz a insegurança do personagem principal em relação ao significado dessa palavra[[5]](#footnote-5), que, tendo sido usada para designá-lo, ele não compreendia qual era seu sentido. A falta de domínio da língua e a desconfiança de que estavam utilizando esse termo para diminuí-lo socialmente levam-no a procurar alguém letrado para lhe dizer o que a palavra significava, a fim de decidir que ação tomaria.

A narrativa está organizada na forma do conto, com dois personagens principais e três coadjuvantes: um cavaleiro — “frente à minha porta, equiparado, exato”, com “cara de nenhum amigo”, que, pela fisionomia, “saíra e viera aquele homem para morrer em guerra” — e, “embolados de banda, três homens a cavalo”. O segundo personagem narra a história e, no decorrer do texto, percebe-se que é o médico do lugar. O espaço e o tempo em que se desenrola a história são exíguos: todo o conto se desenvolve à porta da casa do médico, que recebe a visita inusitada — “tudo num relance insolitíssimo” — e termina ali mesmo, no tempo necessário para resolver a questão que move toda a ação narrativa. Tudo se passa em um arraial — “Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo.”

O relato segue em rica descrição do espaço físico, da fisionomia e das preocupações psíquicas dos personagens, criando, por meio dos signos verbais, um quadro ‘visual’, imaginado a partir dos signos muito bem arranjados — “Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos, coagidos, sim.” Essa descrição verbal substitui o sistema visual que compõe os memes.

Observe-se, aqui, que os leitores, contrariamente ao que acontece com a leitura dos memes, não terão o impacto direto que a impressão visual provoca, mas, pela leitura e pelo conhecimento ampliado dos campos semânticos, ricamente explorados por Guimarães Rosa, criarão mentalmente, a partir do contato com os signos verbais, tanto o espaço quanto as fisionomias dos personagens e suas atitudes corporais. Essa forma narrativa favorece uma interessante organização didática comparativa entre os dois gêneros.

A construção do conto é feita, quase toda, a partir dos pensamentos do narrador-personagem. Nos primeiros parágrafos, pode-se perceber que o enunciado expõe, no plano da expressão, frases curtas e, por vezes, entrecortadas, ora descrevendo o espaço, ora descrevendo os personagens e suas fisionomias — inclusive as características do próprio narrador —, de forma a provocar no leitor sensações de ansiedade e suspense. O uso de frases invertidas e de palavras com características mais eruditas atribui ao narrador-personagem traços de pessoa instruída e conhecedora da leitura, o que se confirma no decorrer do conto.

As atitudes emocionais também são descritas, trazendo à tona a ameaça, a subserviência, o medo e a dúvida — todas geradas pela visita inusitada dos quatro cavaleiros. O narrador analisa os personagens e observa neles, especialmente no cavaleiro principal, a aparência de ameaça: “Sei o que é influência de fisionomia”; “Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuna do bofe.” Também percebe, nos demais, características de medo e subserviência: “Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezível, intimara-os de pegarem o lugar da linha da rua”; “Valendo-se do que o homem obrigara os outros ao ponto...”. E volta-se para si mesmo, como que a justificar o medo que sentia: “O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo. O. O medo me miava.”

A utilização da forma da fala, por meio de sequências entrecortadas, verbaliza aquilo que os memes apresentam desenhado, exigindo, também, inferências.

A comparação entre os dois gêneros é uma forma muito interessante de promover o letramento, pois, como afirma Marcuschi (2002):

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações ab ovo, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997], que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro, gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe pré-existe, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares. O e-mail (correio eletrônico) gera mensagens eletrônicas que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias, como se verá no estudo sobre gêneros emergentes na mídia virtual. (Marcuschi, 2002, [n.p.]).

A viabilidade de se observar como, por meio dos signos verbais, é possível construir uma imagem visual de um espaço físico, da fisionomia dos personagens e das emoções que os invadem, enfim, revela a necessidade do domínio da linguagem, pela consciência da possibilidade de ler e de verbalizar contextos e subjetividades. No entanto, não se adquire esse domínio apenas pelo uso coloquial; ele vem do exercício, da prática da língua. E o conto reflete sobre essa necessidade.

A trama se desenrola em torno da palavra **“famigerado”**. O jagunço, homem iletrado, foi chamado de famigerado por algum funcionário do governo e, como não sabia o significado da palavra que lhe atribuíram — por não ter domínio da língua —, encontrava-se desesperado, com receio de que famigerado fosse uma palavra de cunho ofensivo, o que exigiria uma ação de retratação para manter sua fama de bravo e matador.

Saiu de sua cidade — “Vosmecê não me conhece. Damázio, dos Siqueiras… Estou vindo da Serra” — à procura de alguém que pudesse lhe dar o significado da palavra famigerado, pois, onde morava, não encontrou ninguém que pudesse lhe fornecer a definição, nem mesmo alguém que possuísse um dicionário para ajudá-lo: “Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo — o livro que aprende as palavras…”.

O medo, então, já não era mais um problema para o médico, pois ele passou a compreender o motivo da visita — e, felizmente, conhecia o significado da palavra famigerado. E seguiram o diálogo:

— Famigerado é inóxio, é “célebre”, “notório”, “notável”…

— “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

 — Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos…

— “Pois… e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

-- Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito…

— “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

      Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

— Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!…

   — “Ah, bem!…” — soltou, exultante“ (ROSA, 1962, p.42).

Para além do vigor do arranjo da linguagem, observa-se a clara demarcação enunciativa das diferenças entre o sertão e o urbano, o letrado e o iletrado, e a condição de poder que delas emana. O médico toma para si o poder do personagem principal, pois, conhecedor dos significados positivo e negativo da palavra, omite o negativo para não correr o risco de enfrentar a fúria do jagunço e, ao mesmo tempo, impedir que ele cometesse alguma violência contra o “moço do Governo”.

Durante o conto, fica bastante evidente a condição de convívio social do homem letrado, capaz de contornar e manipular situações, e a do iletrado, cuja impossibilidade de ação decorre da falta do domínio da língua, ainda que detenha força e violência para agir. Surge, com brilho, a importância do domínio da linguagem para uma vivência social plena.

Fica claramente evidenciada a riqueza da linguagem rosiana e como o conto pode ser uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento da leitura. Guimarães Rosa (1962), com toda a sua genialidade, ao escrever o conto **“Famigerado”**, cria uma linguagem rica, em um enunciado muito bem engendrado. Ele estrutura o texto explorando a dupla significação da palavra, de forma a promover o suspense, que resulta em um efeito jocoso. Essas mesmas características, provocadoras de sentidos, são observadas nos memes.

Também se evidencia a organização do esquema narrativo, que cria um movimento de transformação dos personagens e promove estímulos significativos para uma análise enunciativa. Damásio chega à casa do médico demonstrando a postura de homem bravo, atormentado por algo. Os dois personagens principais vivenciam uma situação gerada por um motivo de ação: o desconhecimento do significado da palavra famigerado por parte de um dos personagens. O narrador, médico culto, é inicialmente apresentado sob o domínio do medo, manifestando fragilidade em relação ao outro, que o subjugava pela postura de força e pelo porte da arma. Damásio, o jagunço, é apresentado como alguém robusto e valente. Já os três companheiros que o acompanhavam também demonstravam medo: “ficaram ali na linha da rua quietos, encantoados”. Não apresentavam nenhuma marca de personalidade. Num primeiro momento, parecem, ao leitor, ser comparsas do personagem principal; logo em seguida, são descritos como pessoas que apenas têm medo.

No decorrer do conto, as posições vão se modificando, pois Damásio passa a demonstrar medo de uma palavra, capaz, segundo ele, de destruí-lo, e o médico cresce em poder por dominar o sentido do termo. Os outros “tristes três”, que pareciam mais “seus prisioneiros, não seus sequazes” — que estavam ali coagidos —, são liberados, sendo chamados de “testemunhas” e, por fim, de compadres: “Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição”.

A transformação dos personagens se dá de forma divertida e curiosa, a ponto de o personagem amedrontador render-se ao personagem amedrontado: “Não há como as grandezas machas duma pessoa instruída!”

Esse percurso narrativo permite conduzir os leitores, em processo de letramento, por diversas sendas de observações e analogias: desde a língua mesma, pelo crescimento do campo semântico; passando pelas vozes enunciativas, que promovem reflexões sobre analogias externas ao conto; pela organização da estrutura em que toda a história se desenrola; até chegar à organização estética e ao prazer que sua vivência causa, pelo desvelamento da linguagem.

A grande diferença entre o meme e o conto está na forma do enunciado, no plano da expressão. O dos memes apresenta um enunciado menor, com apelo visual majorado, e é necessário especular sobre os personagens e as situações visualizadas para se realizar uma análise minuciosa, pois há muito mais para se ler no não dito — naquilo que se apresenta de chofre, por inteiro — do que nos enunciados verbais propriamente ditos. Trata-se de uma comunicação rápida, com grande carga enunciativa, que, por vezes, passa despercebida devido ao alto apelo visual e ao pouco uso dos signos verbais.

O conto, embora seja considerado uma forma breve, quando colocado lado a lado com o meme, resulta em um enunciado bem mais extenso, cujos efeitos de sentido são provocados pelos signos verbais. Seus arranjos, provocadores de interpretações, vão sendo lentamente apresentados e construídos, e o leitor é cuidadosamente instigado a degustar, a participar, paulatinamente, da construção dos sentidos.

A riqueza vocabular e os neologismos, características rosianas, são largamente explorados, criando passagens de belíssima construção:

“Se sério, se era.

Transiu-se-me.
Se simples. Se digo.

Transfoi-se-me. Esses trizes:”

O autor faz um jogo com o verbo transir*[[6]](#footnote-6)*. Num primeiro momento, pela voz do narrador, ele sugere que o medo o atravessou por dentro, fundindo as duas acepções numa só: “Transiu-se-me”, pelo uso dos pronomes reflexivo e oblíquo. No entanto, logo após o personagem compreender o que o jagunço procurava — algo que ele (o narrador) dominava —, o medo deixou de existir. Rosa (1962), então, num divertido jogo de construção vocabular, utiliza o sufixo do verbo transir, conjugando-o como se fosse o verbo ir: “Transfoi-se-me”. A forma é jocosa e engenhosa, e a possibilidade de estudo da língua se torna verdadeiramente plural.

Com trechos como:

“O cavaleiro esse — o oh-homem-oh — com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto, pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.”

Guimarães Rosa (1962) sugere que o narrador-personagem é alguém que possui excelente domínio de leitura de contexto — inferência que pode ser atribuída a um alto grau de letramento. Por meio dessas frases curtas e de forte apelo emocional (características também comuns aos memes), Rosa transforma um trecho que, à primeira leitura, poderia parecer grave, em um fragmento, até certo ponto, divertido. O narrador-personagem é delineado pela insegurança, pelo medo e pela dúvida, pois não é nomeado nem descrito fisicamente. Ele se constrói, paulatinamente, pelos interpretantes do leitor, que o percebe culto e letrado pela forma de sua linguagem.

Inferências sobre língua, linguagem, indivíduo e sociedade são construídas a partir da fala do narrador-personagem:

“Foi de incerta feita — o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.”

Desde o primeiro parágrafo, percebe-se que o enunciado apresenta um plano da expressão cuidadosamente elaborado, com o uso de frases invertidas e vocabulário de caráter mais erudito (elemento interessante para a expansão lexical do leitor), atribuindo ao narrador-personagem traços de pessoa instruída, conhecedora da língua — a linguagem formando o homem —, com alta competência interpretativa, confirmada ao longo da narrativa.

No desenrolar do texto, essas características de erudição e elevada capacidade de leitura de contexto do narrador-personagem são reafirmadas, fazendo dele uma figura de prestígio intelectual. Mesmo antes de qualquer diálogo com os personagens que chegam à sua porta, ele consegue delinear, pela leitura minuciosa do contexto, pela maneira como caracteriza os visitantes e articula suas observações aos próprios pensamentos, toda uma cena que lhe confere o status de doutor.

O domínio linguístico do personagem — e, portanto, de seu próprio pensamento — conduz reflexões a partir de informações captadas, demonstrando que ele sabe interpretar fisionomias, posturas e demais elementos contextuais, que, na verdade, se configuram como textos passíveis de leitura:

“Tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos, coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezível, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam.”

É justamente em busca desse domínio da leitura — do letramento — de texto e de contexto que se fundamenta, aqui, a proposta de trabalhar em sala de aula com os dois gêneros.

Os memes, pelo uso cotidiano que os jovens fazem deles, são excelentes ferramentas de estímulo à leitura, especialmente da linguagem visual. Usados em comparação com formas mais canônicas, ampliam sua importância didática e, simultaneamente, valorizam os gêneros canônicos, promovendo o prazer da descoberta, o aprofundamento da pesquisa, a conquista de si e o encontro com o outro, em situações alongadas de fruição estética e linguística.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já abordado neste estudo, “não é possível separar o homem da linguagem”. A linguagem está intrinsecamente relacionada à natureza do homem, desde a formação do pensamento até sua organização na forma do discurso. É necessário que o indivíduo saiba dominar a língua, pois ela é o instrumento que lhe permite conviver em sociedade. A alfabetização, por si só, não representa um passo conclusivo para a conquista desse domínio. Ele advém de contatos mais profundos com a leitura e a escrita, alcançados por meio do letramento, que se desenvolve pela prática leitora ancorada em análises reflexivas. O homem conquista sua autonomia e liberdade por meio do domínio que exerce sobre a linguagem.

Buscando favorecer a formação de jovens letrados, propôs-se uma estratégia que os instigue à prática da leitura, sugerindo-se, para isso, o uso de memes como ferramenta de estímulo, de modo que eles almejem acessar formas mais canônicas, por serem mais ricas e complexas.

Foram analisados cinco memes. A escolha do tema — a linguagem e a língua, e sua capacidade de transformar a relação “homem-homem e homem-mundo” — foi intencional. O conto seguiu a mesma linha temática. A motivação dessa escolha reside na convicção de que, à medida que os jovens vivenciam as diferenças entre os gêneros e suas produções de sentido, bem como suas formas de construção discursiva, refletem, também, sobre a importância de conquistar o letramento, a fim de que, por meio dele, alcancem autonomia e liberdade.

Os dois gêneros abordados possibilitam a construção de diferentes estratégias para o desenvolvimento do letramento em sala de aula, especialmente nos anos finais do ensino fundamental. Reafirma-se aqui a perspectiva de Soares (1998):

Enfim: a hipótese é que aprender a ler e a escrever, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros” (Soares, 1998, p. 38).

Assim, é possível afirmar que, após as análises enunciativas, ocorre uma transformação nos leitores envolvidos nessa experiência, pois, além de refletirem sobre a construção dos discursos, também passam a compreender a importância do domínio linguístico.

# REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral, I***.* Tradução de António Pedro Cunha. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 93.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.

COELHO, Clícia Regina. *Meme: discurso, gêneros e práxis social*. 2017. 267 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2017.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**: como a seleção natural molda nossos comportamentos. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1962

EU acho é graça!!!! **Caminhos Nordestino**. [s./d.]. Disponível em: <https://caminhosnordestino.blogspot.com/2017/05/eu-acho-e-graca.html>. Acesso em 13 jun. de 2025.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à análise da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

GEERTZ,C. **A Interpretação das Culturas***.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. *In:* FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. dos (orgs.). **Teorias linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2008.

GUINANET. [**O Futebor**: tirinha]. Disponível em: https://www.flickr.com/ photos/guinanet/albums/72157603710977270/with/2192371387. Acesso em: 13 jun. de 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. **In:** DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ROSA, João Guimarães. Famigerado*. In:* **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SILVA, Carme Luci da Costa. **O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem**. 2017. Dissertação de pós-graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras - área de Estudos da Linguagem. Porto Alegre, RS: 2017.

GERAR MEMES. Você não sabe falar direito / Você que não sabe o que é variação linguística. [Meme]. Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br>

Autor desconhecido. Eu sei o que é meme / Mas não sei explicar direito. [Meme]. Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br>

1. Em direção oposta, Paulo Freire recomenda a alfabetização a partir da “leitura de mundo” do alfabetizado, como uma forma de facilitar a leitura posterior e o letramento. [↑](#footnote-ref-1)
2. A troca de fonemas por uma comunidade, não deve ser compreendida como uma dislalia, mas como característica natural do dialeto usado por aquele grupo social. [↑](#footnote-ref-2)
3. O enunciado de estado é fundamental para a análise da narrativa e da semiótica, pois permite identificar e compreender a estrutura das relações entre sujeito, objeto e o contexto da narrativa. Ele também é importante para a análise da linguagem em geral, pois demonstra como podemos descrever estados e situações usando a linguagem. [↑](#footnote-ref-3)
4. Mucumbu: no dicionário a parte da calda do boi. No dialeto, o fim da coluna vertebral, acima das nádegas.

Pazes: no dicionário plural da palavra paz. No dialeto, dor nas costas entre as escápulas.

Titela: no dicionário a parte mais carnuda do peito da ave, no dialeto dor no peito. [↑](#footnote-ref-4)
5. Famigerado: aquele que possui fama, célebre. Famigerado: que possui má fama; de conceito ruim. [↑](#footnote-ref-5)
6. O verbo transir é conjugado nos tempos verbais, presente, passado e futuro. Ele é transitivo e intransitivo. Pode ser usado com pronomes retos, oblíquos ou reflexivos. [↑](#footnote-ref-6)